

NOSSAS MULHERES



JORNAL CONECTANDO SABERES DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO
TUTORAL (PET) DIVERSIDADE E TOLERÂNCIA - UFPEL

PET PET PET PET PET

APRESENTAÇÃO APRESENTAÇÃO APRESENTAÇÃO APRESENTAÇÃO

A 25ª edição do Jornal Conectando Saberes do PET Diversidade e Tolerância, traz como tema: *Nossas Mulheres*.

O grupo teve a ideia de apresentar algumas mulheres e suas histórias pensando na necessidade ainda existente de discutir este assunto, principalmente neste mês de março (mês das mulheres), considerando que muitas delas ainda são "desconhecidas e esquecidas" pela sociedade.

Apesar das mulheres terem conquistado muitos espaços, elas ainda são subestimadas pela sociedade ficando sempre em segundo plano. Esperamos que estas matérias instiguem os leitores a saberem mais sobre Nossas Mulheres.

APRESENTAÇÃO APRESENTAÇÃO APRESENTAÇÃO APRESENTAÇÃO

SÔNIA

GUADALAJARA

No mês de março é comemorado o dia internacional da mulher, muitos acreditam que esta data foi criada para que as mulheres sejam presenteadas e agradadas de maneira especial. Mas na verdade a data se propõe a dar visibilidade as lutas e conquistas que já aconteceram e que vem acontecendo no mundo em relação as mulheres.

Por isso o PET Diversidade e Tolerância vem nesta edição falar sobre algumas mulheres importantes para as nossas conquistas e que trabalham arduamente afim de que possamos conquistar cada vez mais o nosso espaço, neste mundo que ainda insiste em nos sub julgar, principalmente em questões como direitos iguais, tanto civis como intelectuais em relação aos homens.

Hoje falaremos de Sônia Guadalajara uma mulher indígena que possui uma importância grandiosa para o nosso país e seu povo.

Sônia Bone de Souza Silva Santos, nome civil de Sônia Bone Guajajara é uma líder indígena brasileira, pertence ao povo Guajajara/Tentehar, do Maranhão, e é habitante das terras indígenas Araribóia.

Seus pais eram analfabetos, e ela tinha 15 anos de idade quando deixou suas origens para cursar o ensino médio em Minas Gerais, com ajuda da FUNAI.

Se formou em Letras, cursou Enfermagem e também tornou-se especialista em Educação especial pela Universidade Estadual do Maranhão.

Quando retornou a sua terra se tornou monitora em um projeto de monitoria em saúde, onde deu aulas sobre os prejuízos do álcool, medidas preventivas em saúde, DST'S entre outros assuntos.

Atuou também como professora municipal, em escolas públicas e também particulares.

Sua militância pela causa indígena e ambiental teve início ainda na sua juventude em movimentos de base e logo chegou ao congresso, onde foi linha de frente contra uma série de projetos que retiravam direitos e ameaçavam o meio ambiente.



Fez estágio de medicina alternativa no IPPH (Instituto Paulista Promoção Humana em Saúde), onde pesquisas sobre plantas medicinais e sua aplicação moderna são estudadas.

Sônia tem forte atuação na defesa dos direitos dos povos tradicionais como: viagens internacionais denunciando Belo Monte, a violência e a violação de direitos... Atualmente vem mobilizando forças para que seu povo tenha atenção especial em relação à pandemia do COVID-19, mobilizando até mesmo a comunidade internacional para dar visibilidade à sua causa, que defende a vacinação dos povos indígenas como prioritária.

Sônia Guadalajara é um exemplo de lutas, é mulher forte que tem seu nome carimbado na história de seu povo e do nosso País. Teve suas lutas reconhecidas internacionalmente, e teve vários prêmios e honrarias em seu nome, o que só reforça a sua importância.

Um exemplo de superação e conquistas desde a sua infância; pois mesmo com diversos obstáculos conseguiu agregar todo o conhecimento necessário para somar às suas lutas coletivas.

Fontes:

Site: <https://campanhademulher.org/>. Acessado em 23 de março de 2021.

<https://www.brasildefato.com.br/2020/06/09/povos-indigenas-vivem-momento-traumatico-afirma-sonia-guajajara> Katia Marko e Fabiana Reinholz. Acessado em: 23 de março de 2021

Redatora: Bianca Duarte



Foto: Mídia Ninja.

A LUTA PELO DIREITO À EDUCAÇÃO

Ser uma menina reflete em um conjunto de papéis que são impostos antes mesmo do nascimento. Em uma sociedade conservadora, quando nasce uma menina as expectativas são totalmente diferentes se comparadas aos meninos. Em uma sociedade em que nascer mulher traz insegurança, medos e, aliado a isso, maior vulnerabilidade, ser mulher torna-se uma luta em diversas instâncias e espaços.

Ao longo dos séculos construiu-se um conjunto de imposições que ditam as regras e comportamentos “esperados” para uma mulher. Nesta esteira encontra-se o casamento, a maternidade, o trabalho doméstico (pouco visibilizado) e a postura de mulher “recatada” e do “lar”. O enfrentamento a esse tipo de conduta esperada é sempre um embate muito difícil, pois ameaça a sociedade conservadora e machista, ainda tão visível em nossos tempos.

Neste cenário, insere-se a educação, um importante processo que ainda parece distante de muitas mulheres e meninas mundo afora. Para falar desse contexto, queremos te fazer uma pergunta: Você conhece Malala Yousafzai? Malala é uma menina com uma trajetória exemplar, já que ao defender o direito à educação, foi baleada pelo Talibã.

Malala Yousafzai nasceu no Vale do Swat, no Paquistão, no dia 12 de junho de 1997. Conforme relatado no livro *Eu sou Malala*, somente o nascimento dos meninos é comemorado. “Nasci menina num lugar onde rifles são disparados em comemoração a um filho, ao passo que as filhas são escondidas atrás de cortinas, sendo seu papel na vida apenas fazer comida e procriar” (2017, p. 21). Das meninas, espera-se que casem muito cedo e tenham filhos. O destino de Malala foi diferente, pois a sua família sempre apoiou o desejo da menina em estudar.

Malala estudava na escola em que seu pai era o dono, porém com 10 anos de idade viu o Talibã fazer do Vale do Swat seu território. As escolas foram obrigadas a fecharem, inclusive a escola de seu pai.



O grupo Talibã, que tomou conta do Vale do Swat proibiu as meninas de frequentarem a escola por pensarem que meninas não deveriam receber educação formal. Malala recusou-se a permanecer em silêncio e lutou por seu direito a educação.

Assim, Malala defendia as suas ideias em um blog sob o nome de Gul Makai para que a sua verdadeira identidade não fosse revelada. Para continuar frequentando a escola, Malala escondia seu uniforme dentro da mochila. A menina já era bastante conhecida por defender o direito das meninas à educação.

No dia 9 de outubro de 2012, Malala foi baleada, dentro do ônibus enquanto voltava da escola. Assim, a adolescente precisou lutar pela vida e poucas pessoas acreditaram que ela sobreviveria, devido ao seu estado ser muito grave.

A jovem Malala sobreviveu ao atentado, recuperou-se e tornou-se símbolo mundial pelo direito à educação. Malala tornou-se a pessoa mais jovem a receber o “Prêmio Nobel da Paz”, o que representa um marco muito importante para a história de meninas e mulheres, e principalmente pelo direito à educação.

Para conhecer mais sobre essa importante menina que defendeu o direito à educação, fica o convite para ler *Eu sou Malala*, uma excelente obra que conta a sua trajetória tão comovente. A leitura é impactante e muito emocionante. Malala é uma grandiosa fonte de inspiração e luta por um mundo mais humanizado e, principalmente, sem qualquer tipo de distinção de gênero. É urgente construir um mundo onde meninas e mulheres possam frequentar os bancos escolares, com os mesmos direitos e iguais cuidados.

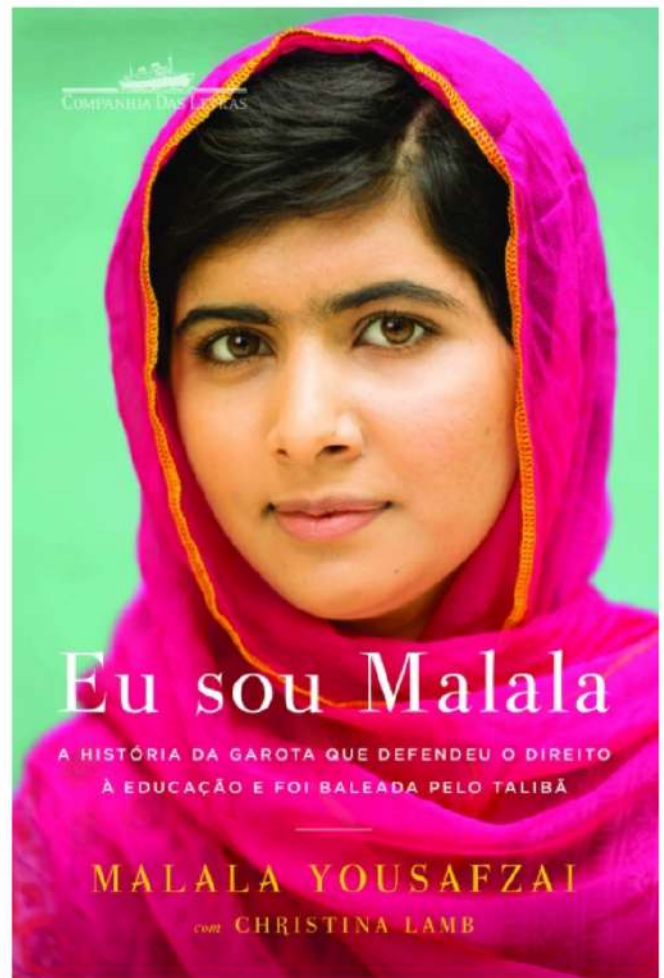


Foto: Companhia das Letras. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=13536>. Acesso em: 15 de março de 2021.

Fontes:

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencias-sociais/violencia-sexual> Acesso em 15/03/2021.

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/10/131007_malala_perfil_rw Acesso em 15/03/2021.

<https://www.clipescola.com/mulher-na-educacao-transformacoes-e-horizontes/> Acesso em 15/03/2021.

<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/14812-a-hist%C3%B3ria-da-educa%C3%A7%C3%A3o-feminina> Acesso em 15/03/2021.

[https://www.ebiografia.com/malala/#:~:text=Malala%20Yousafzai%20\(1997\)%20%C3%A9%20uma,do%20Pr%C3%AAmio%20Nobel%20da%20Paz](https://www.ebiografia.com/malala/#:~:text=Malala%20Yousafzai%20(1997)%20%C3%A9%20uma,do%20Pr%C3%AAmio%20Nobel%20da%20Paz) Acesso em 15/03/2021.

YOUSAFZAI, Malala, 1997 - *Eu sou Malala: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo talibã* / Malala Yousafzai com Christina Lamb. – 24ª reimpressão. – São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2017.

Redatora: Liésia Rutz

ANA JUSTINA FERREIRA NÉRI

Embora muitas mulheres tenham se destacado na história do Brasil e do mundo, por muito tempo elas permaneceram esquecidas e ausentes das narrativas e, escassamente, se sabe sobre suas vidas, trajetórias e experiências no decurso.

Dito isso, aqui no Brasil, uma mulher que merece ser lembrada e destacada na história é Ana Justina Ferreira Néri.



Foto: Observatório do Terceiro Setor. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/ela-foi-para-a-guerra-pelos-filhos-e-virou-pioneira-da-enfermagem-no-brasil/>. Acesso em: 15 de março de 2021.

Quem foi? O que fez?

Segundo o artigo publicado na Revista Brasileira de Enfermagem (1999), Ana Justina Ferreira Néri, nasceu no dia 13 de dezembro de 1814, na vila de Cachoeira do Paraguaçu, Bahia. Casou-se aos 23 anos de idade com o capitão Isidoro Antônio Neri, com quem teve três filhos. Poucos anos depois seu marido veio a falecer a bordo de um navio na costa do Maranhão, deixando-a viúva aos 29 anos de idade.

Ao eclodir a Guerra do Paraguai em 1864, viu seus três filhos e seu irmão serem convocados e partirem como voluntários do exército para guerra. Temendo ficar longe deles solicitou ao presidente da província da Bahia poder acompanhá-los, ou ao menos prestar serviços voluntários nos hospitais do Rio Grande do Sul, através de uma carta onde dizia que os filhos era tudo o que ela tinha e que não iria resistir a saudade deles.

Sendo atendida em seu pedido, embarcou em 1865, em Salvador, como voluntária na qualidade de enfermeira. No sul do país aprendeu diversas noções de enfermagem e dedicou-se a tarefa de cuidar dos feridos. Apesar dos obstáculos que enfrentava para executar suas atividades, como a falta de higiene, de materiais, condições mínimas de trabalho e o grande número de feridos, conseguiu se destacar com êxito como enfermeira prestativa e cuidadosa por todos os lugares que passou, como Salto, Corrientes, Humaitá e Assunção, bem como por hospitais de campo, na frente de operações militares. Durante a guerra, Ana Néri enfrentou o caos da saúde, onde as doenças que predominavam eram a cólera, febre tifóide, disenteria, malária e varíola. Em sua convivência diária com os médicos adquiriu diversos conhecimentos terapêuticos, mas seu bom senso, aliado ao seu olhar de mãe que cuida, muitas vezes fez prevalecer sua opinião diante de médicos. Ana conseguiu modificar a realidade sanitária do local, apenas impondo condições mínimas de higiene para que dessa forma as doenças não se alastrassem e as feridas fossem curadas com maior facilidade. Organizou hospitais de campanha e a primeira enfermaria foi montada em sua casa, em Assunção. No final da guerra, após cinco anos dedicados à arte de cuidar do próximo, Ana retornou ao Brasil, onde recebeu diversas manifestações de apoio e homenagens.

Trouxe também três crianças órfãs, filhos de soldados desaparecidos e os tratou e educou como se fossem seus filhos.

Precursora da Cruz Vermelha no Brasil, Ana recebeu a Medalha de Prata Geral de Campanha e a Medalha Humanitária de Primeira Classe, dentre outras homenagens. O seu maior legado pode ser considerado a abnegação e dedicação na prática de cuidar do próximo, organização e humanização nos cuidados. É considerada a primeira enfermeira do Brasil e, em sua homenagem, a primeira escola brasileira de enfermagem de alto padrão no país, criada em 1923, foi denominada Ana Néri. Faleceu dia 20 de maio de 1880, aos 66 anos, no Rio de Janeiro.

Atualmente vivemos numa luta incansável contra a pandemia do COVID-19, que nos assombra há mais de ano. Dito isso é importante salientar a importância de todos os profissionais da saúde que estão na linha de frente na luta diária contra o vírus.

Aquela visão angelical que temos de profissionais da área da saúde, hoje é contrastada com o cotidiano real vivido por esses profissionais essenciais que, infelizmente, carecem de investimentos necessários e valorização, tanto da sociedade como de poderes políticos.

Hoje, homens e mulheres que atuam incansavelmente dedicando-se a cuidar do próximo, merecem cada vez mais nosso reconhecimento, pois são confrontados cotidianamente por doenças que exigem cuidado, atenção, profissionalismo, conhecimento científico e toda colaboração de uma estrutura da área da saúde.

Fontes:

<https://www.scielo.br/pdf/reben/v52n3/v52n3a03.pdf>
<http://www.gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/viewFile/981/959>. Acesso em: 23 de março de 2021.

<https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/05/ana-neri-mae-brasileiros>. Acesso em 16 de março de 2021.

Redatora: Jéssica Bohrer

**VALORIZEM OS PROFISSIONAIS
DA SAÚDE E ACREDITEM NA
CIÊNCIA, AMBOS SALVAM VIDAS.**

MARIELLE FRANCO



Foto: Mídia Ninja/Reprodução.

Há pouco tempo o nome Marielle Franco não era tão conhecido a nível nacional como é atualmente.

Marielle Franco era uma mulher negra, nascida e criada nas favelas do Rio de Janeiro, que foi covardemente executada, junto com seu motorista Anderson Pedro Gomes, dentro de um carro, em março do ano de 2018, no Rio de Janeiro.

Marielle cursou Ciências Sociais na PUC-RJ e seguiu a carreira acadêmica fazendo Administração Pública na Universidade Federal Fluminense, no mestrado.

No final dos anos de 1990, ainda no pré-vestibular, Marielle perdeu uma de suas melhores amigas vítima de bala perdida, em um tiroteio entre policiais e traficantes no Complexo da Maré, localidade em que a ativista morava. Essa situação a incentivou a iniciar sua militância pelos direitos humanos.

Entre suas lutas e anseios, ter se tornado mãe aos 19 anos de idade também a impulsionou para contribuir pelos direitos das mulheres e, sobretudo, debater temáticas como essas na favela.

Sua carreira política iniciou no ano de 2006, participando de diversas ações solidárias e organizações pautadas pelos direitos humanos e, no ano de 2017, foi eleita vereadora do Rio de Janeiro com 46.502 votos.

Em sua carreira política três de seus projetos de Lei aprovados foram destaque: Assédio Não é Passageiro (PL 417/2007), Espaço Coruja (PL 17/2007) e Dossiê Mulher Carioca (PL 555/2007).

Assédio não é passageiro é um projeto que visa a conscientização e enfrentamento para o assédio e violência sexual nos espaços públicos e transportes coletivos do município do Rio de Janeiro.

Espaço Coruja é um projeto pensado para o acolhimento noturno de crianças para que seus responsáveis possam trabalhar ou estudar nesse período. A ideia é buscar a igualdade entre homens e mulheres, visto que as mulheres, em muitos casos, têm uma jornada tripla entre trabalho, casa e filhos.

O Dossiê Mulher Carioca tem por objetivo a formulação de políticas públicas voltadas para as mulheres, através da tríade entre saúde da mulher, assistência social e direitos humanos.

Marielle Franco foi uma mulher de muitas lutas e bandeiras. Tornou-se representante das minorias e, por isso, sua grande missão era incentivar e inspirar jovens, negras, comunidade LGBTQIA+ e periféricas a reivindicar, não se conformar e mover as estruturas da sociedade para um futuro mais igualitário e humano.

O que aconteceu com Marielle é justamente um dos motivos principais que a fez ingressar no mundo dos direitos humanos, ou seja, a criminalidade que ainda prevalece no Brasil.

O ano é 2021 e o inconformismo é unânime... O povo quer saber: quem mandou matar Marielle Franco?

Fontes:

<https://www.institutomariellefranco.org/quem-e-marielle> Acesso em: 22/03/2021

Fonte: <https://www.estudopratico.com.br/quem-era-marielle-franco/> Acesso em: 22/03/2021

Fonte: <https://psol50.org.br/projeto-de-marielle-vira-lei-municipal/> Acesso em: 22/03/2021

Redatora: Nicéia Mendes

DRA. SIGRID S. GLENN



Ela é a criadora do conceito Metacontingência, que foi um marco na análise do comportamento em Psicologia, abordagem behaviorista criada por Skinner. Esse conceito aborda as relações funcionais no nível cultural. Sigrid S. Glenn é fundadora do Departamento de análise do comportamento e professora Regente na University of North Texas (EUA). Segundo Andery (2011, p. 209): “[...] a proposição de Glenn avança a área porque obriga o debate sobre a descrição e o estudo da cultura e porque conduz à necessidade de desenvolvimento de práticas de pesquisa que contribuam para a elaboração conceitual”. Dessa forma, ela ampliou os campos de estudos dentro da psicologia, levando as pesquisas para um âmbito cultural e social. Em um mundo em que a Psicologia é lembrada por nomes masculinos, é muito importante que as personalidades femininas, que foram muito importantes para o desenvolvimento científico, sejam lembradas.

Fontes:

Andery, M. A. P. A. (2011). Comportamento e cultura na perspectiva da análise do comportamento. Perspectivas em Análise do Comportamento, vol.02, n.2, pp.203-217.

Oda, F. Resenha do artigo “Comportamento Individual, Cultura e Mudança Social” (2004), de Sigrid S. Glenn. A Fonte e a Ponte, 2016. Disponível em: <<https://afonteeaponte.wordpress.com/2016/03/31/dois-dra-sigrid-s-glenn-parte-1/>> Acesso em: 22 de março de 2021.

Redatora: Ana Paula Chiarelli

CONECTANDO SABERES | 09

MULHERES NA LITERATURA: UMA PEQUENA RETROSPECTIVA PARA CONHECER MAIS UMA DE MUITAS

É sabido que as mulheres tiveram, e ainda possuem, um longo caminho pela conquista de seus direitos e espaços. E quando falamos de literatura não podemos deixar de citar a conquista de um direito básico: o direito à escrita. Por muitos anos as mulheres foram privadas de aprenderem a ler e a escrever. Tudo isso, porque a sociedade impôs o papel de dona do lar às mulheres, situação que, a princípio, fazia com que não necessitassem de uma educação formal.

Antigamente, a mulher era vista como companhia do marido, a responsável pelos afazeres de casa e geradora de filhos; e já que essas eram suas responsabilidades, por que aprender a ler e escrever? Sim, esse era o argumento usado pela sociedade na época. Até 1827 a educação era permitida somente aos homens. O surgimento de escritoras no Brasil, se deu principalmente a partir do século XIX, depois do direito à escrita, mas mesmo com esse direito as mulheres não podiam exercer nenhum tipo de atividade cultural ou intelectual.

Ademais, por mais que elas pudessem frequentar as aulas, as escolas apresentavam currículos diferentes para homens e mulheres e o ensino superior ainda era proibido para elas. Foram poucas as que tiveram coragem de enfrentar o que era imposto pela sociedade da época e aquelas que fizeram isso foram muito criticadas.

Partindo dessa retrospectiva, é interessante também lembrar que mesmo após as mulheres terem direito ao acesso à educação e aos poucos enfrentarem os preconceitos estabelecidos pela sociedade, muitas autoras passaram a usar pseudônimos masculinos para que fossem lidas e respeitadas.

Como exemplo, a brasileira Nair de Tefé. Ela era pintora, pianista, cantora, atriz e caricaturista. A artista assinava suas obras utilizando o pseudônimo Rian (Nair de trás para frente). Cabe acrescentar que Nair é somente um dos exemplos de muitas mulheres que fizeram isso por muito tempo. Inclusive, buscando um exemplo mais conhecido por todos nós temos, além de se dar no tempo presente: J.K. Rowling, mundialmente conhecida, a autora de Harry Potter utilizou a inicial J do seu nome e K em homenagem a seu avô, Kathleen, para publicar suas obras, depois que um editor disse a ela que não acreditava que as pessoas iriam querer ler livros sobre um bruxinho escrito por uma mulher.

Em suma, muitas autoras, ao contarem suas histórias relatam que aquelas que utilizavam seus próprios nomes eram muito criticadas, porque acabavam extrapolando o papel designado para elas.

Pelos diversos empecilhos criados pela sociedade machista, muitas mulheres acabaram sendo “esquecidas”, pois apesar de sempre escreverem, elas não possuíam o espaço necessário para serem conhecidas e valorizadas. Com isso, muitos nomes e obras acabaram se perdendo e até hoje existem pesquisas que buscam encontrar as obras desconhecidas por nós. Porém, essa reconstrução quando feita, é realizada com muitas dificuldades, pois infelizmente não são todas obras que foram conservadas, impossibilitando o acesso. Como se pode perceber, o caminho das mulheres para literatura -não somente- não foi nada fácil, inclusive até hoje não é, mas tudo isso é um panorama superficial e resumido das jornadas das mulheres na literatura para que possamos encaminhar você leitor a conhecer uma “nova” autora.

Agora te pergunto, de todos os livros que você possui em casa, ou já leu, quanto deles são escritos por mulheres? Antes de continuar a leitura, pare para pensar... São poucos, não são?! Será que não devemos tentar conhecer um pouco mais da literatura escrita por mulheres?!

A partir dessa reflexão, apresento: Angélica Freitas. Nascida em 1973 na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, Angélica Freitas, mulher cis gênero, lésbica, poeta e tradutora brasileira, formou-se em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), trabalhou como repórter para o jornal O Estado de S. Paulo e a revista Informática Hoje. Depois de decidir viver apenas de seus poemas, a autora morou em outros países e atualmente divide sua morada entre a cidade de São Paulo e a cidade de Berlim, onde está fazendo parte do programa de residência de artistas.

Seu segundo livro, publicado em 2012, *Um útero é do tamanho de um punho*, reeditado pela Companhia das Letras em 2017, reúne poemas escritos a partir do tema mulher, ao refletir com perspicácia sobre questões de gênero. A cada poema, a poeta nos apresenta as mais diversas mulheres estereotipadas: a gorda, a feia, a suja, expandindo o significado do que é ser mulher conforme se avança na leitura. Ela nos faz pensar sobre e nos chama a atenção para o tema.

Sua obra mais recente *Canções de atormentar* (2020), reúne poemas urgentes, que rememoram a infância no Sul e relatam os esforços de tentar compreender a injustiça, o machismo e a nostalgia de uma nação.

Trata-se, portanto, de dois grandes livros que valem a pena serem visitados.



Por fim, com o intuito de despertar seu interesse em conhecer mais as obras da autora, fique agora com um trecho do poema "a mulher é uma construção" do livro *Um útero é do tamanho de um punho*:



Foto: Companhia das Letras. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=14404>. Acesso em: 18 de março de 2021.

"a mulher é uma construção/deve ser" [...]
"a mulher basicamente é pra ser/um conjunto habitacional/tudo igual/tudo rebocado/só muda a cor" [...]
"particularmente sou uma mulher/de tijolos à vista/nas reuniões sociais tendo a ser/a mais malvestida" [...] "digo que sou jornalista". E a descrição aqui ganha contorno corporal e simbólico, ao mesmo tempo, no que vem : "(a mulher é uma construção/com buracos demais/vaza" [...] "(você gosta de ser brasileira?/de se chamar virginia woolf?)" [...] "a mulher é uma construção/maquiagem é camuflagem" [...] "toda mulher tem um amigo gay/como é bom ter amigos" [...] "neste ponto, já é tarde/as psicólogas do café freud/se olham e sorriem" [...] "nada vai mudar -/nada nunca vai mudar -/a mulher é uma construção"

Fontes:

Lira, B. C. (2016). A mulher na literatura: seus enquadramentos e a precariedade da emancipação. RELACult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade, 2(4), 381-388. <https://doi.org/10.23899/relacult.v2i4.267>. Acesso em: 15 de março de 2021.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. Estud. av., São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, dez. 2003. Disponível em

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010&lng=pt&nrm=iso)

[40142003000300010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 19 mar. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300010>. Acesso em: 15 de março de 2021.

<https://medium.com/todxs/representatividade-lesbica-literatura-lista-autoras-6eb332d25c8f>. Acesso em: 15 de março de 2021.

<https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592400>. Acesso em: 17 de março de 2021.

<https://tamojuntas.org.br/as-escritoras-que-tiveram-de-usar-pseudonimos-masculinos-e-agora-serao-lidas-com-seus-nomes-verdadeiros/>. Acesso em: 15 de março de 2021.

<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2018/07/jk-rowling-6-fatos-que-voce-tem-que-saber-sobre-autora-de-harry-potter.html>. Acesso em 15 de março de 2021.

<https://www.jornalcontabil.com.br/a-representatividade-feminina-na-literatura/>. Acesso em: 18 de março de 2021.

<https://revistacult.uol.com.br/home/10-autoras-que-precisaram-de-pseudonimos-masculinos-para-publicar-suas-obras/>. Acesso em: 15 de março de 2021.

<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/14812-a-hist%C3%B3ria-da-educac%C3%A3o-feminina>. Acesso em: 18 de março de 2021.

<https://blogueirasfeministas.com/2017/09/04/a-trajetoria-de-exclusao-da-educacao-feminina-no-brasil/>. Acesso em: 14 de março de 2021.

<http://www.faperj.br/?id=2748.2.6>. Acesso em: 14 de março de 2021.

<https://valkirias.com.br/utero-angelica-freitas/#:~:text=Um%20%C3%A9tero%20%C3%A9%20do%20Tamanho,2012%2C%20pela%20extinta%20Cosac%20Naify>. Acesso em: 18 de março de 2021.

<https://www.seculodiario.com.br/cultura/um-utero-e-do-tamanho-de-um-punho-livro-de-angelica-freitas>. Acesso em: 18 de março de 2021.

Redatora: Luana Durante

MILITÂNCIA, RESISTÊNCIA, MORTE E LEGADO DA IRMÃ DOROTHY STANG

"Nascida no EUA e posteriormente naturalizada brasileira, a missionária Irmã Dorothy Stang viveu por mais de quatro décadas no Brasil. Carismática e com afinidade à fé, ainda adolescente entrou na vida religiosa. Por influência paterna, ela aprendeu a exercer um respeito ímpar à natureza. A trajetória como militante no Brasil teve marco inicial no Maranhão, mas foi no Pará que ela se dedicou a maior parte da sua estadia em terras brasileiras, com a chegada de muitas/os agricultoras/res do nordeste que foram para a região da Transamazônica, a 500 quilômetros de Belém, em busca de terras, com isso os conflitos com fazendeiros deram início.

A missionária, que lutava por educação direito à terra, além da defesa de produção sustentável, defensora da reforma agrária e defesa do meio ambiente, foi uma grande defensora da agroecologia. O maior instigador dos conflitos na região foi um Plano de Desenvolvimento Sustentável (PDS), articulado com as famílias locais em parceria com técnicos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), com o objetivo de distribuição igualitária da terra, que levou ao descontentamento de grandes latifundiários. A religiosa fundou a primeira escola de formação de professores em Anapu, a Escola Brasil Grande, com o objetivo de mobilizar, conscientizar e construir uma vida mais digna, justa a agricultoras/es, sem-terra, membros de comunidades indígenas, para assim terem direito a terra e às condições mínimas, básicas de soberania alimentar.

A partir destas mobilizações a religiosa e militante dos Direitos Humanos torna-se alvo de conflitos entre a militância que lutava pelo direito a terra através do INCRA e de proprietários de grandes fazendas, vivendo sob a ameaça constante destes. Tal conflito levou a morte da religiosa, em 12 de fevereiro de 2005, aos 73 anos, já que foi assassinada a queima a roupa, de forma brutal, com frieza e covardia.

Ainda hoje, em 2021, após 16 anos deste feminicídio, povos da região relatam que ameaças de grileiros de terra ainda são constantes naquela região.



Uma frase potente de conscientização da missionária assim dizia: “[...] nós trabalhamos com lavradores e eles têm que saber como defender seus direitos. Os direitos que a Lei reconhece, a gente tem que conhecer e ensinar o povo para eles saberem como batalhar por si. A gente não vai ficar a vida inteira batalhando por eles, eles que têm que fazer.” (ESTUDO PRATICO, 2018). Além disso, em resposta dada ao ser questionada se temia pela própria vida, assim falou: “Não vou fugir e nem abandonar a luta desses agricultores que estão desprotegidos no meio da floresta. Eles têm o sagrado direito a uma vida melhor numa terra onde possam viver e produzir com dignidade sem devastar”. (UOL BRASIL, 2020).

Assim foi a vida da Irmã Dorothy Stang, uma mulher incrivelmente forte, corajosa, empoderada, que deixou um legado de resistência, resiliência e amor aos “pobres mais pobres”, além do respeito à natureza. Nesse sentido, cabe ressaltar que, para as mulheres do campo, muitas vezes, excluídas dos movimentos feministas, a vida e história da Irmã Dorothy foi marcada no meio rural, apesar de trazer memórias de injustiça e violência contra as mulheres, traz, além disso, sobretudo o enfretamento, a força, a coragem das mulheres! Março de luta para todas as mulheres!

Fontes:

Aventuras na História · Irmã Dorothy, uma vítima da sangrenta disputa de terras no Brasil (uol.com.br) > Acesso em: 20 mar. 2021.

Biografia de Dorothy Stang - Estudo Prático (estudopratico.com.br) Acesso em: 20 mar. 2021.

Legado de Dorothy Stang permanece vivo 16 anos após sua morte - 13/02/2021 - UOL ECOA. Acesso em: 20 mar. 2021.

IRMÃ DOROTHY STANG, PRESENTE!

Redatora: Dúlcineia Santos

ZILDA ARNS

Nascida em 25 de agosto de 1934, Zilda Arns Neumann foi uma mulher que lutou contra os preconceitos da época e se tornou médica pediatra e sanitarista. Desde jovem se preocupou com a população mais carente e principalmente com as doenças que atingiam as crianças.

A pediatra cresceu em um período em que o país iniciava o seu processo de urbanização e industrialização, entretanto o perfil epidemiológico nutricional brasileiro caracterizava-se pela alta prevalência de doenças nutricionais relacionadas à miséria, à pobreza e ao atraso econômico, representadas pela desnutrição energético-protéica e pelas carências nutricionais específicas como as deficiências de vitamina A, ferro e iodo.



O Estudo Nacional de Despesas Familiares (ENDEF) 1974/1975 atestou que 67,0% da população apresentava um consumo energético inferior às necessidades nutricionais mínimas recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Diante desse cenário, Zilda Arns se formou em medicina pela Universidade Federal do Paraná, trabalhou como pediatra em um Hospital Pediátrico em Curitiba e foi Diretora de Saúde Materno-Infantil da Secretaria de Saúde do Paraná. Em 1980, foi convidada a coordenar a campanha de vacinação anti-poliomielite na cidade União da Vitória (PR), a metodologia criada por Zilda Arns foi utilizada, pelo Ministério da Saúde, em todo o país.

Em 1983, com o apoio de seu irmão, cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, Zilda criou a Pastoral da Criança, na cidade de Florestópolis (PR), afim de levar às comunidades de baixa renda a prevenção e o tratamento para doenças que atingiam principalmente crianças e mães. A pastoral da criança foi responsável por levar a muitas cidades do Brasil a receita da preparação do soro caseiro e orientação de cuidados higiênicos que acarretaram na redução de mortes por desidratação causada pela diarreia e o uso da multimistura para o combate da desnutrição. As ações da pastoral foram muito eficientes, levando o legado de Zilda Arns por todo Brasil e por mais de vinte países na América Latina, Ásia e África. Zilda Viajou por diversos países levando seu conhecimento e acolhimento a diversas famílias que estavam necessitadas.

Após 30 anos, a Pastoral acompanha mais de 1 milhão de crianças menores de seis anos, 60 mil gestantes e 860 mil famílias pobres, em 3.665 municípios brasileiros. Em 2004, com a ajuda da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Dra. Zilda fundou e coordenou a Pastoral da Pessoa Idosa.

Devido a seus feitos, a pediatra ganhou o título de cidadã Honorária em 11 estados e 37 municípios brasileiros, além de 19 prêmios (nacionais e internacionais) e dezenas de homenagens, incluindo de "Heroína das Américas" da Organização Pan-Americana de Saúde em 2002. Além disso, foi indicada ao prêmio Nobel da paz. A Pediatra faleceu em 2010 durante o terremoto do Haiti. Ela estava palestrando em uma igreja durante o terremoto.

"QUANDO VOCÊ ENSINA AS MÃES E FAMÍLIAS A CUIDAREM MELHOR DOS FILHOS, VOCÊ ESTÁ CONSTRUINDO UM MUNDO MELHOR, MAIS JUSTO E FRATERNAL PARA ESSAS CRIANÇAS."

Fontes:

8 fatos sobre Zilda Arns, mãe Teresa brasileira. Revista Galileu. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/01/8-fatos-sobre-zilda-arns-mae-teresa-brasileira.html>

Filho, Lauro Arruda Câmara. Quem foi Zilda Arns. Disponível em: <https://hospitaldocoracao.com.br/novo/midias-e-artigos/artigos-nomes-da-medicina/quem-foi-zilda-arns/>

Zilda Arns: a humanista incansável. Conferências nacionais em saúde. Disponível em: <http://www.ccs.saude.gov.br/cns/zilda-arns.php>

Frases de Zilda Arns. Pastoral da Criança. Disponível em: <https://www.pastoraldacrianca.org.br/frases-dra-zilda>

VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de. Combate à fome no Brasil: uma análise histórica de Vargas a Lula. Rev. Nutr. vol.18 no.4 Campinas July/Aug. 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732005000400001

Dica: reportagem com Zilda Arns no roda viva.

<https://www.youtube.com/watch?v=oDaRyT4XG9U>

Biografia: Zilda Arns: uma biografia

Redatora: Milena Langhanz

O OUTRO LADO DO CARNAVAL: QUEM TEM FOME, TEM PRESSA!

Há 51 anos no bairro Navegantes situado na cidade de Pelotas/RS, nascia uma Escola de Samba representando a resistência da cultura negra e periférica. Trata-se Escola de Samba Miirim Mickey, destinava às crianças, que oferecia educação, alegria e cultura. "Tio Plínio" e "Tia Nica" como eram chamados, foram os precursores desse projeto e por muitos anos, incentivaram, apresentaram e ofereceram às crianças e jovens um outro mundo, mais colorido, cercado de sonhos, esperança e possibilidades, mesmo em meio a tanta desigualdade social. O carnaval foi a ferramenta de transformação que ofereceu oportunidade de "ir além" conhecer as suas raízes, a história do seu povo e sonhar.

Os anos passaram, "tio Plínio" e "tia Nica" foram chamados pelos "pais maiores" e partiram deste plano, mas o seu legado foi repassado. Os ensinamentos criaram raízes e continuaram transformando vidas, através de outras mãos. Uma delas, sua neta, Gisele Rodrigues, mulher, negra, periférica, mãe, socióloga e uma figura importante que com a ajuda e participação de diversas outras mulheres, levou adiante o projeto dos avós, seguiu oferecendo cultura e alegria em meio aos rastros da desigualdade que insiste em gritar, pois afinal o povo não quer só comida, o povo quer comida, diversão e arte, como diria há muito tempo a música dos Titãs.

Em meio a tantos sonhos construídos, oportunidades de desenvolver talentos, cantando, tocando instrumentos, dançando, conhecendo a sua história e culturas através do Carnaval, também se voltava o olhar às condições sociais e econômicas dos moradores do bairro. A fome tinha endereço, cor, classe, mas não tinha idade. Quando a crise chegava "naquele degrau mais de cima" os que estavam "ali embaixo" já tinham sofrido muito, pois o desemprego, a falta de oportunidade não existia naquele mundo em que "os lá de cima" defendiam a meritocracia. "É só se esforçar", diziam àqueles "lá de cima", do outro lado da cidade, passando o canal. Mal sabiam como é realmente viver marcado por estereótipos, mal sabe como é ter que decidir se é melhor estudar, ou trabalhar para sustentar a sua casa, mal sabe como é ver o filho pedindo e não poder dar e eles também não sabiam como era o preconceito de ser julgado e marcado pela sua cor em um bairro que tinha/tem a sua maioria da população negra.

Mas essas mulheres que deram o seguimento ao trabalho da Escola de Samba Mickey, compreendiam todas essas interseccionalidades e a raiz dos problemas sociais e econômicos que a população sofria. Porém, em meio às necessidades evidentes, se ofereceu além da diversão e arte, a comida. Foram criados cadastros das famílias mais necessitadas, doações de cestas básicas e roupas, além da oferta de um sopão comunitário uma vez por semana. Em meio ao caos que se tornou com a pandemia, as necessidades se tornaram mais e mais urgentes. O ano de 2020 foi um ano desafiador para as mulheres que levaram o projeto do Mickey adiante.

O carnaval não foi possível de acontecer, mas outros eventos se tornaram mais importantes: ajudar a sanar o mínimo que fosse, as necessidades básicas das famílias e oferecer um alívio, mesmo que instantâneo.

Neste processo, outros grupos contribuíram e ajudaram com grandes campanhas solicitando donativos, como foi o caso da "Corrente Beija-Flor", também coordenada por grandes mulheres. A luta perpassou classe, idade, cor e uniu todas em prol de um objetivo: oferecer essa resposta imediata a aqueles em que para o Estado, são só mais um número. Trata-se de uma população desassistida e injustiçada por tamanha desigualdade, diante de um cenário catastrófico.



Foto: Diário da Manhã Pelotas. Disponível em: <https://diariodamanhapelotas.com.br/site/escola-do-navegantes-apresentara-o-mundo-encantado-dos-parques-de-diversao/> Acesso em: 20 de março de 2021.

Às vezes, era alguém que precisava de um colchão, um litro de leite que faltava, um equipamento para ter acesso às aulas remotas, um calçado para calçar, alimentos para cozinhar naquele dia a noite. E, em meio as filas que se formavam, não se conseguia assistir a todos, se escutam as histórias, mas não era possível oferecer uma saída, porém em meio a todo aquele caos, sempre se aprendia.

Era preciso ter empatia, olhar para o lado e segurar a mão do outro e ter fé. A fé é quem dá força para essas mulheres seguirem.

Hoje, o grupo de mulheres da comunidade Navegantes e também da Corrente Beija-Flor, continuam o seu trabalho buscando dia-a-dia amenizar a tristeza que ficou sem o Carnaval, a tristeza que a pandemia trouxe para quem mais precisa.

Mas é com luta, garra e consciência, que essas mulheres, mães, negras, brancas, mulatas, pobres ou ricas, com suas histórias individuais, coletivas e anônimas dão seguimento a essa corrente de amor e solidariedade.

É necessário olhar para o lado e não somente ver, mas enxergar aquelas que fazem a diferença fora dos livros, dos filmes e das novelas, aquelas que fazem a diferença do nosso lado. Mulheres, o nosso dia é todos os dias, estamos fazendo a diferença em cada canto, cada rua, cada espaço que nos é conquistado! Estamos por todos os lados semeando ideias e colhendo revoluções. Os anos têm sido difíceis para todas nós, mas não esqueça que você tem se esforçado para fazer o que pode em meio a todo o caos.

Fonte: <https://diariodamanhapelotas.com.br/site/escola-do-navegantes-apresentara-o-mundo-encantado-dos-parques-de-diversao/> Acesso em: 20 de março de 2021.

Redatora: Quézia Galarça

“NÃO ESTAMOS MAIS SOZINHAS”: A

TRAJETÓRIA DE MARIA DA PENHA E A

VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Maria da Penha Maia Ribeiro nasceu em Fortaleza no Ceará, em 1º de fevereiro de 1945. Em 1966, tornou-se Farmacêutica Bioquímica pela Universidade Federal do Ceará (UFC), fazendo, após um mestrado de Parasitologia, em Análise Clínicas, pela Universidade de São Paulo (USP)¹.

Foi em seu mestrado na USP, em 1974, que Maria da Penha conheceu Marco Antonio Heredia Viveiros, com quem viria a se casar. Foi ele que tentou matá-la, em duas ocasiões.

Marco Antonio era colombiano² e passou a ser professor universitário, no decorrer do tempo³. No início do relacionamento ele era amável e carinhoso. Eles tiveram uma filha e logo se casaram em 1976. Após a conclusão do mestrado de Maria da Penha, em 1977, a família se mudou para Fortaleza/CE onde tiveram mais duas filhas.

Após o casal ter suas três filhas, Marco Antonio conseguir sua cidadania e estabilizar-se no emprego. Foi neste mesmo momento que as agressões começaram. Marco Antonio passou, então, a ser agressivo, era “explosivo” e agia com intolerância contra Maria da Penha e suas filhas. Elas estavam submetidas, então, ao ciclo da violência: aumento da tensão, ato de violência, arrependimento e comportamento carinhoso.

No ano de 1983, Maria da Penha foi vítima de duas tentativas de homicídio (que hoje seria caracterizado criminalmente como feminicídio⁴). O agressor era seu marido, Marco Antonio. Na primeira tentativa, ele deu um tiro em suas costas enquanto ela dormia. Maria da Penha passou por diversas cirurgias e internações ficando paraplégica e com outras complicações físicas, além dos traumas psicológicos. Marco alegou à polícia que Maria teria sido baleada em uma tentativa de assalto e insistiu que a investigação fosse interrompida. Ele também obrigou Maria da Penha a assinar uma procuração para autorizá-lo a agir em nome da esposa e inventou uma história sobre a perda do carro do casal.

[1] Maria da Penha. IMP Instituto Maria da Penha. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/>. Acesso em: 23 de mar. de 2021.

[2] Maria da Penha. Wikipédia A enciclopédia livre. 13 de mar. de 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_da_Penha. Acesso em: 23 de mar. de 2021.

[3] FUKS, Rebeca. Maria da Penha. E Biografia. 27 de set. de 2019. Disponível em: https://www.ebiografia.com/maria_da_penha/#:~:text=Maria%20da%20Penha%20Maia%20Fernandes,1%C2%BA%20de%20fevereiro%20de%201945. Acesso em: 23 de mar. de 2021.

Quando Maria da Penha retornou para casa, Marco Antonio a manteve por 15 dias em cárcere privado e tentou eletrocutá-la durante um banho. Com apoio jurídico e ajuda de sua família, Maria da Penha conseguiu ir embora de sua casa e obter a guarda de suas filhas.

O primeiro julgamento de Marco Antonio ocorreu somente 8 anos após o crime. Ele foi condenado a 15 anos de prisão, contudo, através dos recursos de sua defesa, pode sair em liberdade. Após o julgamento Maria da Penha lança seu livro “Sobrevivi... posso contar”, em 1994 (o livro viria a ser reeditado em 2010). Em 1996, ocorreu o segundo julgamento e Marco Antonio foi condenado a 10 anos e seis meses de prisão, mas mais uma vez saiu em liberdade, após alegação de irregularidades processuais.

Em 1998, o caso Maria da Penha chegou à Comissão Interamericana para os Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (CIDH/OEA)⁵. Apesar de estar diante de um litígio internacional e estar violando diversos tratados assinados⁶, o Estado brasileiro não se pronunciou no processo. O CIDH/OEA, em 2001⁷, responsabilizou o Estado Brasileiro por omissão, negligência e tolerância à violência doméstica contra as mulheres. A CIDH/OEA fez recomendações ao Brasil para o combate à violência contra as mulheres.

Maria da Penha foi indenizada pelo Estado do Ceará e o Governo Federal e seu agressor, Marco Antonio foi condenado somente em 2002, faltando 6 meses para prescrever o crime, ficando somente 2 anos preso e cumprindo 1/3 de sua pena. Marco foi solto em 2004 e segue em liberdade. Em 2016, Maria da Penha foi cogitada ao Prêmio Nobel da Paz.

Ela fundou o Instituto Maria da Penha (IMP)¹¹ em 2009 e segue sendo uma ativista no combate a violência contra as mulheres.

Em 2002, um Consórcio de ONG's Feministas foi formado para criar uma lei de combate à violência contra as mulheres. Esse projeto foi então aprovado por unanimidade na Câmara dos Deputados⁸ e no Senado Federal⁹, sendo sancionada, em 6 de agosto de 2006, com o nome de Maria da Penha¹⁰ pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Apesar dos avanços no combate a violência contra as mulheres, até o dia 13 de janeiro de 2021, 46 mulheres já foram assassinadas e 20 sofreram tentativa de assassinato¹². Desde o início de 2021 o Brasil já registra, em média, 4 feminicídios por dia.

[4] A Lei nº 13.104/15: classifica os assassinatos de mulheres por razão de gênero, envolvendo violência doméstica e familiar e/ou discriminação ou menosprezo pela condição de mulher.

[5] A denúncia foi feita pelo Centro para a Justiça e o Direito internacional (CEJIL) e o Comitê Latino-americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher (CLADEM).

[6] Convenção Americana sobre Direitos – Pacto de San José da Costa Rica; Convenção sobre a eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher; Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem; e a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher – Convenção de Belém do Pará.

[7] A responsabilização ocorreu após o encaminhamento de quatro ofícios (1998-2001).

[8] Projeto de Lei n. 4.459/2004.

[9] Projeto de Lei da Câmara n. 37/2006.

[10] Lei nº 11.340/2006.

[11] O IMP é uma ONG sem fins lucrativos que luta contra a violência doméstica contra as mulheres.

Somente no primeiro semestre de 2020, 2.509 mulheres cis foram assassinadas e, em 2020, 175 mulheres transexuais/travestis foram assassinadas e outras 77 sofreram tentativa de assassinato¹³.

É importante ressaltar que as mulheres estão expostas a diversos tipos de violência como apontam os seguintes dados, no primeiro semestre de 2020: 110.791 mulheres foram vítimas de lesão corporal dolosa; 238.174 foram ameaçadas; 22.201 sofreram estupro; e foram realizadas 147.379 ligações ao disque 190 denunciando violência doméstica contra mulheres¹⁴. Então somente no primeiro semestre de 2020, foram 373.675 casos de violência contra as mulheres. 1.023 casos por dia. A cada hora, 24 mulheres sofrem algum tipo de violência no Brasil.

Essa, resumidamente, é a história de Maria da Penha que lutou por justiça por 19 anos e 6 meses e segue lutando até hoje¹⁵ e serve de inspiração para a história de tantas outras mulheres no Brasil e no mundo. Por fim, trazemos uma mensagem de Maria da Penha para as mulheres:

Sabemos que sair de um ciclo de violência é um processo difícil e doloroso, mas não estamos mais sozinhas. Não precisamos mais sofrer durante anos em silêncio, suportando todos os tipos de violência dentro do nosso próprio lar, lugar onde deveríamos ser acolhidas e amparadas. Eu nunca imaginei que a minha luta, que começou com muita dor e sofrimento, chegasse aonde chegou. Ter o meu nome batizando uma lei que pode salvar vidas e proporcionar novos recomeços a milhares de mulheres é, para mim, uma honra, mas também uma grande responsabilidade; por isso, não me permito parar. Tenho consciência da minha missão, e a minha vida é toda dedicada a essa causa. Seguimos unidas. (Maria da Penha Maia Ribeiro, entrevista para o IMP).

Não se cale, denuncie: Disque 100;
Ligue 180.

[12] LIMA, Rafael. Desde o início do ano, o Brasil registra, em média, 4 feminicídios por dia. Pandemia agrava situação. Metrôpoles. 13 de jan. de 2021. Disponível em:

<https://www.metrôpoles.com/brasil/desde-o-inicio-do-ano-brasil-registra-em-media-4-feminicidios-por-dia-pandemia-agrava-situacao/>

fbclid=IwAR3aFawRUSd2MYUsRSLDF82ip08XzTXqUHtr8sB9FkgG4X159tpa1JR8HRA. Acesso em: 23 de mar. de 2021.

[13] BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayoara Naider Bonfim (orgs). Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021. 136p. Disponível em:

https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossi-e-trans-2021-29jan2021.pdf?fbclid=IwAR3WS2jXVzb-KiFiZeibeT_1WcXITFcuhL8PwORJx-rtQsYkNh3afPNREpA. Acesso em: 23 de mar. de 2021.

[14] FBSP – FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020. São Paulo: FBSP, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-final.pdf>. Acesso em: 23 de mar. de 2021.

[15] Maria da Penha é coordenadora dos estudos da Associação de Estudos, Pesquisas e Publicações da Associação de Parentes e Amigos de Vítimas de Violência (APAVV), no Ceará.

Redator: Leonardo Tavares



PET PET PET PET PET

PET diversidade & tolerância.

MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O PET DT:



Coordenação: Professora Lorena Almeida Gill

Corpo discente: Ana Paula Chiarelli (Psicologia) Allef Gawlinski (Enfermagem), Bianca Duarte (Nutrição), Dulcinéia Santos (Medicina veterinária), Eliana Duarte da Rocha (Psicologia), Jéssica Bohrer (Enfermagem), Leonardo Tavares (História), Liésia Rutz (Pedagogia), Luana Durante (Letras Português), Mayara Ramos (Medicina Veterinária), Milena Langhantz (Nutrição), Nicéia Mendes (Pedagogia), Quézia Galarça (Ciências sociais)

Diagramação: Luana Durante.